

PRODUÇÃO DE DADOS COM IMAGENS NA PESQUISA COM OS COTIDIANOS E PRATICANTES CULTURAIS SURDOS

Rachel Colacique*

Edméa Santos**

Recebido em: 30 ago. 2013 Aprovado em: 18 nov. 2013

* Mestra em Educação pelo PROPED-UERJ, professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Rio de Janeiro, RJ – Brasil. E-mail: r.colacique@hotmail.com; rachel_cgomes@hotmail.com Site: www.docenciaonline.pro.br

** Doutora em Educação pela UFBA, professora do PROPED-UERJ. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. E-mail: edmeabaiana@gmail.com Site: www.docenciaonline.pro.br

Resumo: O presente texto propõe uma reflexão sobre os usos das imagens na produção de dados na pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tendo como pressupostos a abordagem multirreferencial (Ardoino), da pesquisa-formação (Macedo, Santos, Josso) e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos (Certeau, Alves, Oliveira), nossa pesquisa abordou os princípios de acessibilidade e usabilidade na web (Ferreira e Nunes), bem como nos ambientes virtuais de aprendizagem. Destacamos o papel fundamental que a imagem e a visualidade ocupam nos processos cognitivos e comunicativos dos praticantes e suas narrativas.

Palavras-chave: Imagem. Visualidade. Surdez. Cotidianos.

PRODUCTION OF DATA WITH IMAGES IN THE SURVEY WITH THE DAY-TO-DAY AND DEAF CULTURAL PRACTITIONERS

Abstract: The text bellow comes up with a reflexion about the use of images in the production of data in the research developed by University of the State of Rio de Janeiro's Post Graduation Program in Education. Bearing in mind the assumptions of the multifaceted approach (Ardoino), the research-training (Macedo, Santos, Josso) and research in/of/with everyday lives (Certeau, Alves, Oliveira), our research addresses the principles of accessibility and web usability (Ferreira and Nunes), as well virtual learning environments. We highlight the essential role which the image and the visuality have in the cognitive and communicative process of the actors and their narratives.

Key words: Image. Visuality. Deafness. Everyday lives.

INTRODUÇÃO

O presente texto – fruto da pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ) e do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Edméa Santos – procura apresentar algumas reflexões sobre os usos e a produção de dados com imagens em nossa pesquisa com os cotidianos.

Considerando a diversidade **dentrofora**¹ da escola, e tendo em vista que o acesso à educação, informação e comunicação é um direito inerente a todos, abordamos em nossa pesquisa os aspectos legais, tecnológicos e pedagógicos envolvidos em nossa busca por garantir acessibilidade à educação superior online para um estudante surdo, tendo como pressupostos epistemológicos a abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1998), da pesquisa-formação e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos (OLIVEIRA; ALVES, 2008).

Diante da tomada de consciência da complexidade do real, fez-se inevitável a ruptura com um fazer científico fundamentado em um pensamento linear cartesiano, ao que fomos impulsionados à busca por novas fontes, premissas epistemológicas **outras**, que pudessem auxiliar o desenvolvimento de nossa pesquisa, considerando seus aspectos múltiplos, plurais e inacabados; observando e absorvendo o cotidiano plural da realidade, se emaranhando nos fios das redes da convivência e do fazer científico. Implicados com modos de **fazerpensar** ciência que reconheça nos praticantes cotidianos a legitimidade de suas narrativas e seus **fazeressaberes**, constatamos – como bem nos ensina Alves (2010) – a necessidade de “mergulhar com todos os sentidos” em outras lógicas, outros caminhos metodológicos, rompendo com nossas bases teóricas lineares fragmentadas em áreas de saber.

Pois, para pensar essa complexidade, com suas tensões e aproximações, é preciso pensar em redes (ALVES, 2008), o que implica na busca pelas **diversidades** que compõe a realidade. Incorporando macros e microelementos que integram o mundo e que são indissociáveis uns dos outros (OLIVEIRA, 2008, p. 10). Nesse sentido, temos na pesquisa nos/dos/com os cotidianos

¹ Usaremos os termos assim grafados, como forma de indicar a necessidade que temos, nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, de romper com pensamentos dicotomizados, comuns nas ciências modernas (ALVES, 2010).

(ALVES, 2010; OLIVEIRA, 2008) e na análise multirreferencial (ARDOINO, 1998) a abordagem que fundamenta nossa escolha epistemológica. Procurando superar a visão cartesiana e positivista de fazer ciência, a multirreferencialidade propõe modos mais plurais de compreensão do mundo (MARTINS, 2004). Modos esses que buscam não mais a **simplificação** artificial dos fenômenos estudados, nem o “isolamento” da realidade complexa que o integra (e é integrado por ele). Mas um fazer ciência que entende a impossibilidade – e irrealidade – da separação sujeito/objeto, pesquisador/pesquisado, assumindo uma postura dialógica constante com os praticantes da pesquisa. Pois nesse diálogo são tecidos nossos conhecimentos, e é no entrecruzamento de saberes que nossas redes são ampliadas e fortalecidas (ALVES, 2008).

Em consonância com os pressupostos epistemológicos aqui apresentados, nosso trabalho abordou os princípios de acessibilidade e usabilidade na web (FERREIRA; NUNES, 2008), bem como nos ambientes virtuais de aprendizagem. Acompanhamos, ao longo de dois semestres letivos, um estudante surdo, e com baixa visão, matriculado no curso de Pedagogia à Distância da UERJ, em parceria com o Consórcio Cederj. Dentre outras questões, procuramos responder: Como tornar acessível, para os surdos, um curso de graduação à distância? Quais são as adaptações que o Cederj já garante aos estudantes surdos? Quais são as adaptações necessárias para se promover a inclusão efetiva das pessoas surdas nos ambientes virtuais de aprendizagem, ultrapassando a mera tradução de materiais didáticos e promovendo Educação online? Como resultados, apresentamos os principais obstáculos à efetiva inclusão desse estudante; suas táticas e usos para transpor as barreiras encontradas; além de sugestões de interfaces online, conteúdos e situações de aprendizagem para desenho didático acessíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem².

Tendo apresentado brevemente nossos pressupostos teórico-metodológicos, a seguir, explanaremos os usos que fizemos das/com as imagens em nossa pesquisa.

² Dissertação - Acessibilidade para surdos, na cibercultura: os cotidianos nas redes e na educação superior. Disponível em: <<http://www.proped.pro.br>>.

A IMAGEM NAS PESQUISAS COM COTIDIANOS

Martelli (2003) afirma que “a produção da imagem jamais é gratuita”. Para a autora, as imagens são produzidas com fins determinados – sejam eles individuais ou coletivos – sempre buscando estabelecer relações com o mundo. A autora apresenta três modos de relações estabelecidas por meio das imagens. São eles: **Modo Simbólico** – a imagem como representação – inclusive de valores políticos e sociais – esculturas religiosas, culto aos mortos e uma forma de conservação da vida, em resposta à desintegração do corpo; **Modo Epistêmico** – imagens que transportam informações documentais sobre o mundo, permitindo que o mesmo seja conhecido inclusive por alguns aspectos não-visuais das paisagens e retratos; e o **Modo Estético** – imagens com a finalidade de agradar o espectador, sejam obras artísticas, ilustrativas ou decorativas.

Mas para além dessas características, as pesquisas com os cotidianos compreendem as imagens como parte da narrativa dos praticantes e dos contextos do fazer científico. Mais do que simples “fonte”, as imagens são personagens conceituais³, como nos ensina Alves (2010, p. 7): “Algo sem o que não se poderia pensar como são produzidos, por todos nós, os conhecimentos e as significações, em nossas redes cotidianas” (ALVES, 2009, p. 12).

Além de uma expressão particular, as imagens são personagens conceituais, pois comunicam **aos** e **com** os outros, ao mesmo tempo em que dialogam com o praticante, sendo o próprio **outro** dessa “conversa” (ALVES, 2010). Entendemos que essas imagens não são apenas “ilustrações” compartilhadas fortuitamente, são imagens voláteis, (SANTAELLA, 2007), que comunicam intencionalidade e expressam as situações e vivências ao longo do processo da nossa pesquisa. São testemunhas das mudanças ocorridas, formas que indicam compreensão e apropriação dos conteúdos estudados, em todas as esferas.

Desse modo, as imagens escolhidas para compor o texto final da dissertação foram tratadas não como ícones apenas, mas como personagens conceituais. Procuramos selecionar imagens que agregassem conteúdo – material ou imaterial – às narrativas tecidas ao longo do texto. Não buscávamos por “ilustrações” de caráter puramente estético, mas por formas **outras** de

³ Gelamo (2008, p. 4) me ajuda a compreender o conceito de Deleuze e Guattari (1997): “O personagem conceitual não tem a função de servir de exemplo, isto é, não exemplifica determinado conceito, mas mais especificamente faz o conceito funcionar nas relações de pensamento, porque é ele quem vive o acontecimento filosófico”.

expressar e narrar o cotidiano vivenciado na pesquisa, uma vez que as imagens compõem e integram o conjunto da dissertação. Entretanto, a preocupação com o estilo e a estética-visual também se fez presente – fosse à escolha da posição e alinhamento com o texto, no tamanho, no recorte, no tom das cores, a até mesmo na sincronização com as legendas – sempre com o cuidado de garantir⁴ ao leitor alguma ordenação e conforto na visualização do trabalho como um todo. Cientes de que as narrativas e as imagens – e também as “escolhas de silêncios e ausências” – também contribuem no processo de subjetivação e de produção de sentidos. Como nos lembra Victorio Filho (2007, p. 105):

As imagens materiais, mesmo não sendo constituídas da forma como o são as imagens discursivas, que exibem de forma mais flagrante idealizações e demais construções imaginárias, guardam proveitosos conteúdos indiciários (GINZBURG, 1989) da permanente produção imaginária que permite a existência das instituições que habitam ou representam.

A dissertação contém 75 imagens, que vão desde fotos pessoais a registros de placa de calcário com inscrições hieroglíficas. Todas estão devidamente numeradas e referenciadas, de acordo com as normas estabelecidas para trabalhos acadêmicos. Para o presente artigo, selecionamos 16 imagens, por considerar que compreendem os diferentes **usos** que fizemos. Agrupamos essas imagens em 4 categorias, a saber: a) **imagens ilustrativas para ambientação do leitor**; b) **imagens como fonte complementar de informação**; c) **imagens-narrativas**; e d) **imagens como recursos educacionais**.

Destacamos que essa categorização tem o único objetivo de organizar as informações neste artigo, e não existe qualquer pretensão de esgotar a temática, bem como fazer uma classificação em termos de importância ou pertinência. Ademais, apesar da classificação de algumas imagens como “imagens-narrativas”, compreendemos que todas as imagens são parte integrante da grande narrativa que é a dissertação. Essa categoria visa enfatizar os *discursos* registrados em forma de imagens, produzidos ao longo da pesquisa. A seguir, apresentamos cada uma das categorias aqui indicadas.

⁴ Consideramos importante destacar que essas opções estéticas não seguem qualquer outro parâmetro que não as nossas próprias impressões – pessoais e, portanto, não universais – sobre as composições feitas. O termo “garantir” aparece aqui se referindo à nossa intenção e não necessariamente ao resultado obtido.

IMAGENS ILUSTRATIVAS PARA AMBIENTAÇÃO DO LEITOR

Nesta categoria, englobamos imagens cuja principal função era oferecer uma demonstração do conteúdo mencionado no texto, entendendo que as informações visuais podem potencializar a compreensão e apreensão do material lido. Seriam exemplos desse grupo as imagens⁵ 1 e 2, abaixo expostas.

As imagens 1 e 2 surgem no momento em que citamos uma comparação entre duas formas de compreensão e representação da pessoa com deficiência. A **imagem 1** trazia uma peça publicitária do Ministério da Saúde para a campanha para vacinação contra Poliomielite, que mostrava a dificuldade de acesso urbano, como decorrente da deficiência. De modo semelhante, a **imagem 2** continha uma placa de calcário com inscrições hieroglíficas – que se acredita ser a primeira representação de uma pessoa com sequelas da Poliomielite – ao que indica, mesmo com deficiência, essa pessoa ocupava uma posição de destaque na sociedade egípcia.

Imagem 1 - Peça publicitária do Ministério da Saúde para campanha de vacinação contra Poliomielite.



Fonte: 1 – Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902005000300008&lng=pt&nrm=iso

Imagem 2 - Placa de calcário com inscrições hieroglíficas.



Fonte: 2 – Disponível em:
<http://phylos.net/direito/pd-historia/>

⁵ Como mencionamos imagens que são parte de um outro texto, optamos por manter a numeração do texto de origem, para que o leitor possa encontrar e identificar mais facilmente na consulta à dissertação.

Em outro momento do texto, ao citarmos alguns exemplos de surdos em alguma situação de destaque, apresentamos o caso da Vanessa Vidal – vice Miss Brasil Surda – que foi entrevista pelo Jô Soares e uma peça da campanha publicitária da L’Oreal Paris, com a modelo surda Brenda Costa. As **imagens 5 e 6** trazem ao leitor o registro imagético desse momento, convocando-o a conhecer e, de certo modo, participar dessas experiências.

Imagem 5 – Jô Soares entrevista Vanessa Vidal, vice Miss Brasil surda.



Fonte: 5 – Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=iQs-ds0I2mQ>

Imagem 6 - Campanha publicitária da L’Oreal Paris com a modelo surda Brenda Costa.



Fonte: 6 – Disponível em:
http://www.lazygirls.info/Brenda_Costa/Loreal_Ad_With_Doutzen_Kroes_zULHWmA

Certamente essas informações poderiam constar apenas textualmente, mas uma vez que dispúnhamos das imagens mencionadas, entendemos que o leitor se beneficiaria ao poder visualizar, ele próprio, estas imagens. Pois, como nos explica Alves (2009), aquele que visualiza uma imagem, uma fotografia, é convidado a refletir sobre o que está além da imagem, compondo aquele momento: quais histórias, quais cenários, quais contextos perpassam esse registro?

Dessa maneira, é preciso assumir que o trabalho com/através de fotografias – e com as narrativas que vêm junto – não se esgota na análise iconográfica (seus elementos de composição, modo como foi feito, conhecimento ou reconhecimento do **espaçotempo**, situação social e mesmo nomes dos presentes, etc.). (ALVES, 2009, p. 5).

As narrativas que não são captadas de modo evidente pelas lentes das câmeras também compõem a “realidade interior” das imagens, que só pode ser apreendida à medida que geramos construções imaginárias na busca por essas informações ocultas aos olhos do observador. Pois, não obstante a função estética e ilustrativa dessas imagens, a visualidade corrobora o diálogo entre autor e leitor, convidando-o a se emaranhar nos fios tecidos pela narrativa.

Não se trata de dizer que tudo é ficção. O que Nilda Alves irá nos sugerir é atentarmos para o que as fotografias fazem quando não estamos olhando para elas. Indica-nos que a fotografia (do passado) habita o futuro, instaurando textualidades no presente, no agora, a reciprocidade temporal que não tem data marcada para acontecer. [...]O trabalho com as imagens articulado a esses sentidos desloca Nilda Alves para, em textos mais recentes, associar potências das fotografias, continuamente marcadas pela historiografia, aos conceitos filosóficos de acontecimento e de personagem conceitual. O encontro com esses dois conceitos permite tratar as imagens na interface entre a política e a arte. Constroem-se rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer. Somos convidados a pensar as imagens sem as olhar, sem as definir, ou as identificar e as re-conhecer. (AMORIM, 2012, p. 52).

As imagens são, portanto, discursos e representam – ao mesmo tempo em que formam e/ou reforçam – também ideologias e subjetividades, ao que a contemplação da imagem leva o olhar para mais adiante, em um “embate que configura um jogo discursivo entre o que se observa na tessitura visual da imagem e o que não é imediatamente perceptível” (VARGAS, MEDEIROS, BECK, 2011, p. 45).

IMAGENS COMO FONTE COMPLEMENTAR DE INFORMAÇÃO

Além das muitas imagens com informações ocultas ao leitor, em nossa dissertação aparecem muitas outras cuja informação complementar está estampada e em evidência, essas imagens objetivavam fornecer elementos informativos que complementassem o texto escrito. É o caso da **imagem 8**, por exemplo.

Ao explanar as características de algumas tecnologias assistivas – que permitem e facilitam o acesso das pessoas com deficiência à internet e ao computador – poderíamos optar por descrever textualmente cada um dos itens, entretanto, diante da possibilidade de criar um

quadro-síntese que reunisse a ilustração e a descrição dos itens, optamos pela forma que consideramos mais enriquecedora para o texto e mais sintética para o leitor.

Com as definições disponíveis na Wikipédia e as imagens disponibilizadas pelo Google Imagens, utilizamos um SmartArt – elemento gráfico disponível no Power Point – para criar cada “elo” do quadro. Por não haver um gráfico que fosse condizente com as informações que gostaríamos de expressar, após a criação de cada elo, utilizamos a captura de tela – feita a partir da tecla *PrintScreen*⁶ – para transformar os elos em imagens e fizemos uma nova composição que julgamos expressar adequadamente o que queríamos. O resultado foi o quadro abaixo:

Quadro 1 - síntese elaborado a partir de informações disponíveis em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia_assistiva>.



Fonte: Imagem ilustrativa obtida via Google Imagens. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia_assistiva>.

⁶ Tecla comum nos teclados de computador. No Windows, quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela (exceto o ponteiro do mouse e vídeos). Para salvar seu conteúdo, basta abrir algum programa que suporte imagens e pressionar "Ctrl + V" (colar). Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Print_screen>.

Outra imagem que destacamos, cujo objetivo era fornecer informações complementares para o leitor, são as imagens 14, 15, 16 e 17, que apresentam as redes sociais da internet – Facebook, Twitter, Youtube, dentre outros. A intenção foi a mesma do caso anterior: fornecer o maior número possível de informações, sem cansar ou sobrecarregar o leitor, ao mesmo tempo que cuidássemos do caráter estético e a harmonia do conjunto da obra. Optamos, então, como exemplifica a **imagem 17**, por compor imagens que incluíssem o logotipo e uma breve apresentação de cada software social. Para compor essas imagens, utilizamos também a função da captura de tela, feita a partir da tecla *PrintScreen*.



Imagem 17

Para Marques (1999), a visualidade contribui para a o aprimoramento de esquemas de pensamento, por meio da criação de conceitos visuais, denominado pensamento plástico:

[...] Um pensamento que decorre de um conhecimento fundamental, que atravessa idéias e comportamentos através de uma linguagem. Tal linguagem existe através de imagens e representações mentais que informam a percepção da realidade de acordo com características intelectivas próprias (p. 1).

A autora enfatiza a importância que tem esse tipo de pensamento, na formação das bases cognitivas das pessoas surdas.

Assim, o pensamento da pessoa surda é dependente das imagens não só para expressar, mas para existir. Cada imagem relaciona alguma coisa com outra, estabelecendo sucessivas relações. Cada imagem se movimenta, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema. Este fluxo de imagens acontece como tipo de linguagem-vida interior. [...] A imagem é, portanto, a linguagem fundamental para o surdo, a forma e o meio mais completo de verificação perceptiva e de representação, desempenhando a função essencial na reflexão e na elaboração de estratégias de pensamento e ação. (MARQUES, 1999, p. 1).

Entendemos que não são apenas as pessoas surdas que se beneficiam do uso das imagens e recursos visuais, seja na dissertação ou nas práticas cotidianas. Desse modo, optamos por explorar bastante esse recurso em nosso texto.

IMAGENS-NARRATIVAS

Já mencionamos aqui que essa categoria de “imagens-narrativas” está assim destacada para identificar um grupo de imagens que foram utilizadas para externar discursos produzidos no âmbito da pesquisa. Desse modo, enfatizamos que todas as imagens de nossa pesquisa são **imagensnarrativas** por compor, de maneira inseparável, toda a narrativa da pesquisa.

De modo geral, as dissertações trazem transcritos os diálogos e conversas que serão seus elementos de análise. Por nossa pesquisa estar ancorada nos princípios da cibercultura e da educação online, e a maior parte de nossas narrativas ter sido tecida virtualmente – seja pelo *chat* do Facebook, ou por email, ou via ambiente virtual de aprendizagem – optamos por incluí-las como imagens, de modo a preservar sua forma de origem. Como é o caso da **imagem 34**, abaixo indicada, que traz o fragmento de uma conversa realizada via *chat* do Facebook, com o praticante da pesquisa, e que mantém as características originais do chat onde foi realizada:

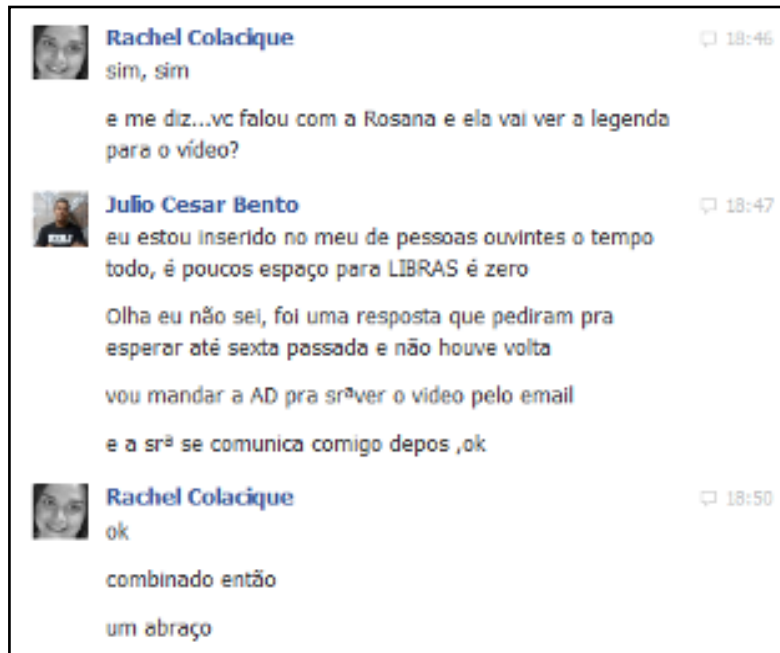


Imagem 34

Para produzir essa imagem, utilizamos a função de captura de tela, já indicada no item anterior. Utilizamos também imagens para conter as narrativas do praticante de modo a garantir prontamente que o leitor identifique a autoria daqueles discursos, pela simples visualidade e organização no texto.

Ao invés do tradicional recuo de texto para indicar as narrativas, utilizamos uma imagem “padrão” para todas as falas que seriam analisadas no capítulo 4 da dissertação. As **imagens 55 e 58**, abaixo, exemplificam o que acabei de mencionar:



“Me desculpe, mas ainda percebo que muitos não esperavam um aluno com as minhas necessidades educacionais, apesar de tanto discutirem sobre a acessibilidade. Sempre, desde o início, tive grandes dificuldades, ao ponto de várias vezes ter que apelar para Coordenadora do Curso. Eles não estavam esperando um aluno com minhas necessidades educacionais. Poxa! Eles ensinam tanto sobre inclusão e acessibilidade e estão com esses problemas quando apareci”.

Imagem 55

Rachel Deus abençoe vc e sua família, vc está me ajudando; então quero dizer-te que Deus vai te retribuir toda ajuda em dobro. Um abraço.

Imagem 58

Eu oro sempre pra Deus te abençoe junto com sua família

Sou grato a Deus por ter conhecido vc.... Deus te abençoe em nome de Jesus Cristo, e o Espírito de Deus (Espírito Santo) que te guarde por todos caminhos, Amém!

Como? não tenho como retribuir seu carinho... Deus vai te abençoar...



Para a elaboração dessas imagens, utilizamos os “balões de diálogo” disponíveis no Power Point, mais a fotografia que o praticante cedeu para registro da pesquisa e, por fim, a captura de tela para a finalização das imagens. Por questões estéticas, procuramos variar os tamanhos, as posições e os agrupamentos dessas imagens-narrativas, como também é possível observar nas imagens acima.

Entendemos que esse tipo de registro valoriza a ênfase dada à narrativa e fornece ao leitor uma breve “pausa” no conteúdo textual, aproximando-o do praticante enquanto protagonista desse discurso.

IMAGENS COMO RECURSOS EDUCACIONAIS

Em nossa pesquisa, a importância da imagem como fonte de informação e potencialização do aprendizado se mostrou bastante evidente. Seja por nossa própria relação com a imagem, seja pela importância que a imagem e a visualidade assumem no universo da vida cotidiana dos praticantes surdos (MARQUES, 1999).

Como entender uma atividade que está sendo solicitada oralmente, sem um apoio visual que auxilie a contextualização e a compreensão do estudante surdo? É importante lembrar que, para uma pessoa surda, o mundo é percebido, apreendido e significado por meio de experiências visuais (BRASIL, 2005). Vilhalva (2004, p. 4), ao narrar sua própria experiência visual, nos ensina um pouco sobre a importância que a **imagem** assume no universo do surdo.

Todas informações que eu recebia dependiam de meus olhos, eu olhava e depois ficava observando o que acontecia e o que poderia acontecer, sem muita preocupação com as outras crianças ou adultos que estavam à minha volta. Crescendo por dentro e por fora, fui entendendo melhor o mundo e essa formação de mundo era feita visualmente, como se a caixinha que tinha dentro de minha cabeça estava ficando cheia, pois tudo que olhava era como se eu tirasse uma fotografia e ia guardando, assim ficava por muito tempo guardada as imagens paradas.

O praticante da nossa pesquisa sinalizou várias vezes sua necessidade de **ver** para compreender o que estava sendo pedido nas tarefas avaliativas do curso. Vale ressaltar que a utilização de recursos visuais e a proposição de ações didáticas baseadas nos pressupostos da aprendizagem colaborativa, cooperativa e interativa, apresentadas por Santos (2005, p. 113), podem favorecer não apenas o aprendizado do estudante surdo, mas de **todos** os envolvidos.

A imagem 68 apresenta novamente um uso da captura de tela, dessa vez para explicar ao praticante as funções da tecla PrintScreen, para que o mesmo pudesse utilizar a função em uma palestra que faria. O estudante falaria sobre algumas das situações em que a falta de acessibilidade prejudicava sua compreensão e participação nas atividades do curso, como no caso dos textos em PDF e, para mostrar às pessoas na plateia como eram esses textos não-acessíveis, ele utilizaria a função de Print Screen em seu teclado; mas ele não conhecia essa função e não estava compreendendo minha explicação “textual”. Para demonstrar o que estava dizendo,

capturei uma imagem da minha tela, que serviu de exemplo. Só após ver a imagem, foi possível entender o que eu havia sugerido. A imagem abaixo apresenta parte desse diálogo:

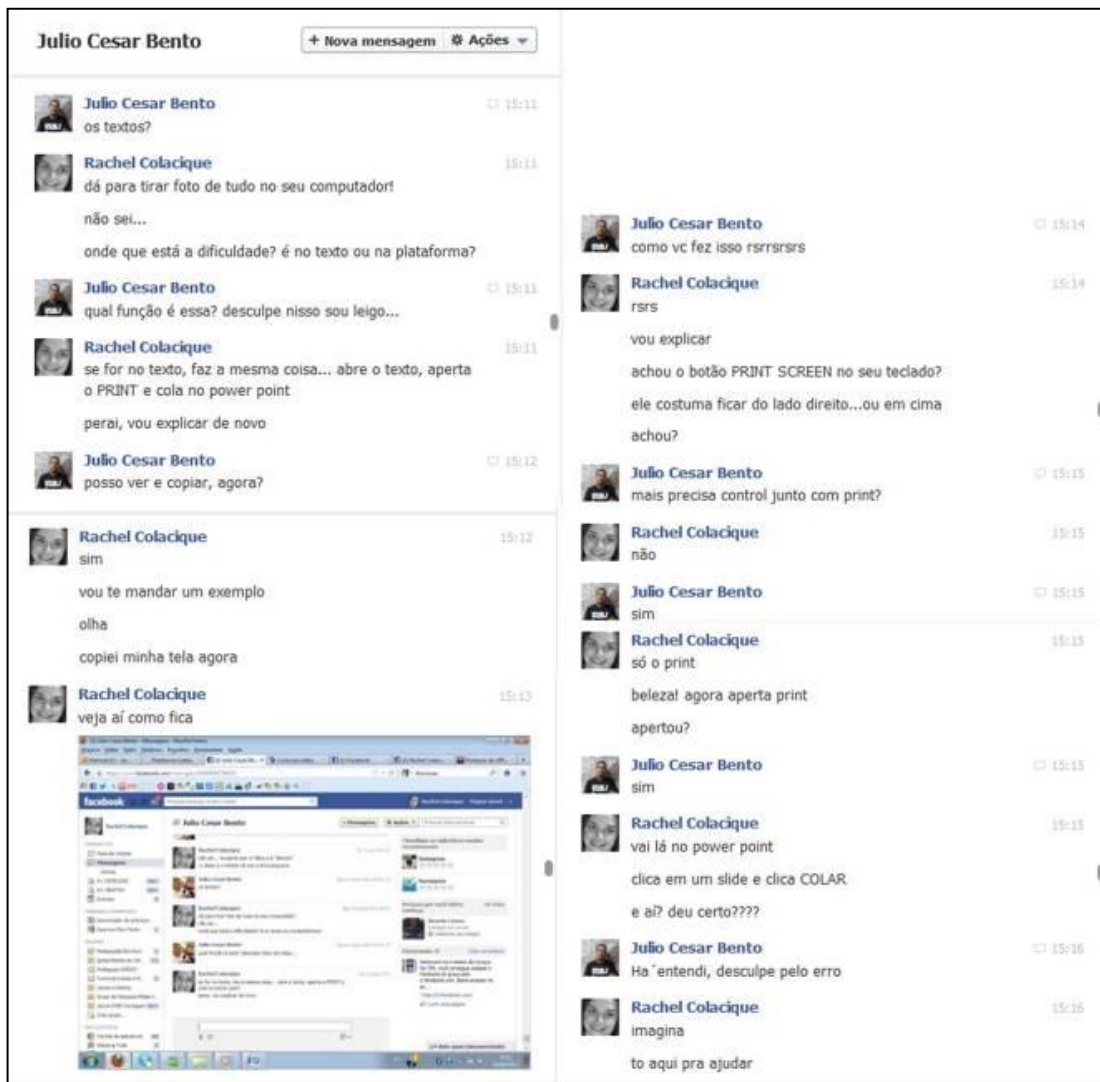
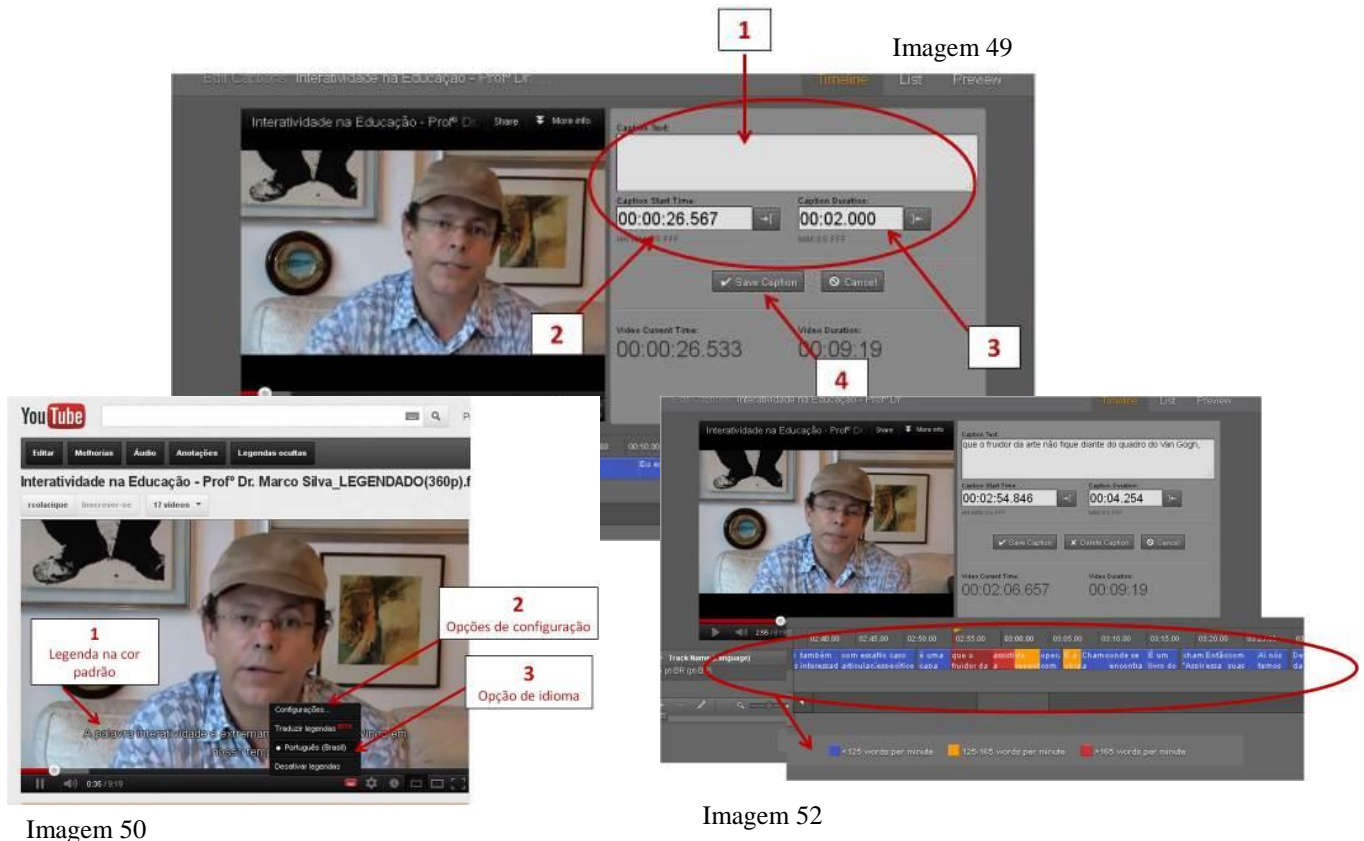


Imagem 68

Uma função bastante simples como a do *Print Screen* pode deixar de ser apenas um “recurso digital” para ser um “objeto de aprendizagem”, se for contextualizado e utilizado com intencionalidade pedagógica (SANTOS, 2005, p. 135). Outros exemplos de imagens com intencionalidade instrutiva são as **imagens 49, 50 e 52**, que apresentam um passo-a-passo para o leitor, um tutorial para elaboração das legendas nos vídeos do Youtube.



Como muitas de nossas imagens, estas também foram produzidas a partir da função de captura de tela, e as edições das setas e marcações foram feitas utilizando as ferramentas disponíveis no Power Point. Apesar de haver outros *softwares* para edição de imagens – inclusive com desempenho superior e mais recursos disponíveis – optamos pela utilização do Power Point pela praticidade, uma vez que dominávamos habilmente o uso de suas ferramentas e possibilidades.

Esses tutoriais foram elaborados para auxiliar a compreensão dos procedimentos para realização das adaptações para acessibilidade. Acreditamos que essas imagens tenham facilitado ao leitor a captação das informações.

A utilização das imagens nas pesquisas com cotidianos favorece tanto a expressão como a compreensão das diversas situações e praticantes envolvidos. As imagens na pesquisa ampliam nosso modo de ver, apreender e significar o mundo. O que nos lembra a frase de Aumont: “Com isso a percepção do mundo se tornou mais aprofundada e complexa. Embora a fotografia – e o cinema – não revelem nada do mundo no sentido literal, contribuem educativamente para o ver melhor” (AUMONT, 1995, p. 276 apud VARGAS; MEDEIROS; BECK, 2011, p. 45).

IMAGENS OUTRAS: VERSETIRCOMUNICAR SENTIDOS

No decorrer de nossa pesquisa, nos deparamos com muitas **outras** imagens. A maioria não pôde entrar na composição da dissertação, por razões variadas. A essas **ausências** também atribuímos significados, pois como nos diz Pêcheux:

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o ‘não está’, o ‘não está mais’, o ‘ainda não está’ e o ‘nunca estará’ da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia *omnihistórica* da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível. (PÊCHEUX, 1990, p. 8 apud VARGAS; MEDEIROS; BECK, 2011, p. 44).

Como registro dessas imagens que ficaram “de fora” da versão final do trabalho, trazemos 3 imagens que demonstram importantes elementos e características próprias das comunidades surdas. São imagens produzidas pelos surdos, carregadas de forte intencionalidade comunicativa. Por ser a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) uma língua visual/espacial, é possível registrar na imagem a “fala” sinalizada. Desse modo, para além do registro imagético do momento fotografado, os surdos intencionam comunicar **palavras-visuais** aos interlocutores que contemplam a foto em questão. As imagens abaixo exemplificam o que acabamos de mencionar.

Nesta foto, por exemplo, os alunos concluintes do curso de Pedagogia no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) não estão em uma posição “tradicional” de fotografias de pessoas ouvintes. Podemos observar que as pessoas na 1ª fila (à esquerda) fazem o sinal da letra “I”, os da 2ª fila o sinal de “N”, depois “E” e “S”. Formando a palavra INES. Na frente, ao centro, é realizado o sinal do Instituto. A imagem então registra uma “fala” sobre o momento que a foto representa.



A próxima imagem registra uma passeata realizada na cidade do Rio de Janeiro, em defesa da Educação Bilíngue para surdos. A pessoa da esquerda sinaliza “L2”, a da direita “L1”, e as de trás fazem o sinal de “bilinguismo”, indicando a junção da L1 e L2, o que representa o “motivo” catalizador da passeata.



E a última imagem apresenta três jovens surdos, cada um realizando o sinal de seu país de origem: Argentina – Chile – Brasil (nessa ordem, da esquerda para a direita) e o mais interessante é que cada um o faz em sua própria língua de sinais. Então, temos uma foto “trilíngue”.



Certamente, para as pessoas que desconhecem as línguas de sinais, essas imagens poderiam representar apenas “poses” sem um sentido comunicacional de maneira intencional. Mas elas comunicam o cotidiano das redes de relações que estabelecem com as subjetividades de quem as conhece, fornecendo mais elementos para a compreensão do cotidiano e do real.

O trabalho de compreender os cotidianos das redes educativas, através de *imagensnarrativas* só se dá pela intervenção de quem está envolvido nos processos dessa compreensão. Ou, em outras palavras, as *imagensnarrativas* não nos permitem – como aliás qualquer outro tipo de recurso que usarmos – obter “a verdade”. Imagens e narrativas nos permitem a compreensão de processos relacionados à tessitura de conhecimentos e significações, dentro das múltiplas redes cotidianas em que estamos atuando e criando, ‘praticando’. (ALVES, 2009, p. 12).

Finalizamos nosso texto enfatizando a importância que a imagem desempenha nas nossas formas de compreender a re-significar o mundo que nos cerca, bem como nossa subjetividade e bases ideológicas. Como destaca Furtado (2009):

No entanto, sabemos com Deleuze, que mais que uma sociedade de imagens somos sociedades das imagens clichês. Trata-se de um mundo onde a experiência com a imagem é a experiência-mundo. Não podemos continuar falando de um mundo desrealizado, de simulacros. A imagem é mundo, parte integrante de nosso modo de pensar, de perceber e de sentir a vida. Não é representação do mundo, não é uma experiência de segunda ordem. (FURTADO, 2009).

E ainda:

Se a imagem, em sua materialidade própria, e mediante as redes que estabelece com as séries de imagens que povoam a “realidade” social, instaura sentidos, não os instaura de forma isolada, desconectada; ela, antes de ser analisada como peça avulsa e unilateral, fora do jogo da história, deve ser concebida de maneira mais ampla. Na garimpagem por processos de significação, a imagem deve ser observada como sendo relativa a uma formação ideológica. Em determinadas condições, as textualidades não podem ser analisadas separadamente (como na perspectiva dicotômica verbal x não verbal), pois, independente de suas formas textuais, elas são arranjadas na dependência interdiscursiva de sentidos possíveis, tomados em uma formação ideológica que orienta a “montagem” e, portanto, as versões que se alinham a determinados sentidos e que produzirão os efeitos de sentido. (VARGAS; MEDEIROS; BECK, 2011, p. 46).

Deste modo, procuramos tratar as imagens em nossa dissertação como parte integrante e indissociável do fazer científico, bem como fonte potencializadora de aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar e produzir imagens no contexto da pesquisa com cotidianos foi uma experiência bastante valiosa para nós, em nosso processo de busca por caminhos metodológicos que contemplem a realidade a partir de diferentes fontes e perspectivas. Como exposto ao longo do texto, as imagens não foram tratadas meramente como fontes ilustrativas de caráter unicamente estético. Apesar do cuidado estético se fazer presente, procuramos compor nosso texto com imagens que pudessem abarcar elementos complementares – agregando conteúdo material ou imaterial – ampliando as informações fornecidas ao leitor. As imagens, como personagens conceituais, integram as narrativas de nossa pesquisa.

Das 75 imagens presentes em nossa dissertação, apresentamos 13 neste artigo, mais 3 imagens complementares que não fizeram parte da versão final. Para efeito de análise, agrupamos as 13 imagens em 4 categorias: a) imagens ilustrativas para ambientação do leitor; b) imagens como fonte complementar de informação; c) imagens-narrativas; e d) imagens como recursos

educacionais. Além dessas, incluímos um último item para apresentar as imagens que não foram utilizadas no texto final.

Não pretendemos esgotar aqui a temática, e entendemos que outros olhares trarão novas significações aos assuntos aqui abordados. Destacamos que o objetivo desta categorização foi o de organizar as informações neste artigo para melhor exposição ao leitor, não havendo qualquer obrigatoriedade de se fazer essa classificação, seja em termos de importância ou pertinência à pesquisa. Salientamos também que, apesar da distinção do item “imagens-narrativas”, essa categoria visa enfatizar os **discursos** registrados em forma de imagens, produzidos ao longo da pesquisa. Compreendemos, portanto, como anteriormente mencionado, que todas as imagens são parte integrante da grande narrativa que é o conjunto da dissertação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês B. de (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3. ed. Petrópolis: DP, 2008.

ALVES, N. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 ago. 2013.

AMORIM, Antonio Carlos. Imagens para Nilda Alves: Nilda Alves entre imagens. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 29, p. 47-59, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1329>>. Acesso em: 24 ago. 2013.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação**. São Carlos: UFScar, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Nilda Alves (Org.). **Cotidianos, imagens e narrativas**. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012186.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2013.

BRASIL. **Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 25 ago. 2013.

FERREIRA, Simone Bacellar Leal; NUNES, Ricardo Rodrigues. **E-usabilidade**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

FURTADO, Beatriz. Entrevista sobre o I Encontro Internacional de Imagem Contemporânea. **Diário do Nordeste**, 2009. Disponível em:

<<http://diariodonordeste.globo.com/m/materia.asp?codigo=624186>>. Acesso em: 24 ago. 2013.

MARQUES, Carla Verônica. Visualidade e surdez: a revelação do pensamento plástico. **Revista Espaço - Instituto Nacional De Educação De Surdos**, Rio de Janeiro, p. 38-47, 1999.

Disponível em: <<http://www.abrapabr.org.br/artigo1.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2013.

MARTELLI, J. M. O uso da imagem na pesquisa educacional. Curitiba: PUCPR, 2003. **Grupo de Trabalho Educação e comunicação**, n. 16. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/josyannemilleomartelli.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

MARTINS, João Batista. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 85-94, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-24782004000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 ago. 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. 3. ed. Petrópolis: Dp Et Alii, 2008. p. 9-38.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, E. **Educação online**: cibercultura e pesquisa formação na prática docente. 2005. Tese (Doutorado) – FAGED, Universidade Federal da Bahia. Bahia, Salvador, 2005.

SANTOS, E. **Educação online**: cibercultura e pesquisa formação na prática docente. 2005. Tese (Doutorado) – FAGED, Universidade Federal da Bahia. Bahia, Salvador, 2005.

VARGAS, Rejane A.; MEDEIROS, Caciene Souza de.; BECK, Maurício. Imagens da/na contemporaneidade: um convite à análise, uma convocação à teoria. **RUA**, Campinas, SP, n. 17, v. 2, 2011. Disponível em:

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=112> Acesso em: 25 ago. 2013.

VICTORIO FILHO, Aldo. Pesquisar o cotidiano é criar metodologias. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 97-110, 2007. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a06v2898.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Petrópolis: Arara Azul, 2004. Disponível em:

<<http://editora-arara-azul.com.br/pdf/livro1.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2013.